

# FERNANDO SABINO

as obras publicadas, reunidas, selecionadas, anotadas e  
com uma introdução de

## OBRA REUNIDA

em três volumes

Edição organizada com a colaboração do Autor

VOLUME I

Introdução do Editor

1. *Os Escritos / Opuscula / Seleno / Cronologia / Bibliografia*

2. *Lyrics*

3. *Os poemas em verso / Maria / A Maria / A Cidade / Visão*

4. *Os poemas em prosa / O Poema / A Prosódia / A Prosódia*

5. *Os poemas em prosa / A Prosódia / A Prosódia*

VOLUME II

1. *Os poemas em verso / A Cidade / A Cidade / A Cidade*

2. *Os poemas em prosa / O Poema / A Prosódia / A Prosódia*

3. *Os poemas em prosa / A Prosódia / A Prosódia*

VOLUME III

1. *Os poemas em verso / A Cidade / A Cidade / A Cidade*

2. *Os poemas em prosa / O Poema / A Prosódia / A Prosódia*

3. *Os poemas em prosa / A Prosódia / A Prosódia*

VOLUME IV

1. *Os poemas em verso / A Cidade / A Cidade / A Cidade*

2. *Os poemas em prosa / O Poema / A Prosódia / A Prosódia*

VOLUME V

1. *Os poemas em verso / A Cidade / A Cidade / A Cidade*

RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 1996



Fernando Sabino, 1941.

## CONTOS E CRÔNICAS

*Antônio Houaiss*

"COMO DIZ O MINEIRO, conversa de mais de dois é comício."

Há na epígrafe uma sugestão que rogo instantaneamente ser aceita pelo leitor: ser um dos dois, sendo Sabino o outro, nessa conversa. Pois, se a conversa tem tradição documentada desde Sócrates como um dos meios intersíquicos mais atilados de tentarmos compreender e aprender, posso assegurar que nesse pequeno meio tempo (não mais que 2.500 anos) alguns papeadores devem ter sido esplêndidos — e, no Brasil, uma constelação, de que Fernando Sabino é estrela de primeira grandeza. E o papo oral, nele, se faz o mais sedutor papo escrito que se possa imaginar.

Para isso, há que ver, melhor, descobrir os mil andaimos literários com que ele monta a sua matéria, a fim de que ela consiga ser esse prodígio de simplicidade e cursividade que aparenta: embustes de um feiticeiro da palavra, duplo gozador da palavra. (...)

Difícilmente se encontrará entre nós hoje em dia alguém que maneje com mais amenidade a língua e as idéias; e dificilmente se encontrará alguém que pratique com mais arte a arte da distensão — de pensar e dizer (o que significa, antes, tremenda tensão ante o aparentemente inefável, indizível). (...)

A posição mental de Fernando Sabino deve vir sendo, de uns anos a esta parte, a seguinte: não apenas a machadiana confusão, mas também a angústia, o desespero, o medo, a insegurança, a feitura são gerais por aí. Por isso, denunciá-los é lutar contra esses duendes não imaginários, porque reais, é o ato mínimo de inteligência que se possa ter, para ser fiel a um espírito que vem sendo o de sempre em todas as artes.

Como é que sendo tão claro, tão lícido, tão fluente, tão acessível, tão (aparentemente) espontâneo, tão desarmado, tão pacífico, tão alívio, tão (por que não?) doce, pode ele — ao mesmo tempo — ser tão pertinente, tão

O comentário (ou crítica) social, em si mesmo, é acessório, de molde a realçar antes que eclipsar o elemento irônico da narrativa. Não obstante, a profunda aversão do autor por certas injustiças e falhas arraigadas no caráter nacional brasileiro são claramente aparentes em dúzias de histórias. Contudo todos os seus flagrantíssimos da vida da classe média, também estas percorrem toda a gama do ridículo ao sublime em seu conteúdo, e do trágico ao cômico no seu tom.

1978

Edilberto Coutinho

SE NÃO TIVESSE ESCRITO novelas, contos e romances — inclusive o clássico *O Encontro Marcado* — Fernando Sabino teria entrado para a história da literatura brasileira apenas pela excelente produção de cronista. Como é o caso de Rubem Braga. Mas essa discussão em torno de gêneros literários — já dizia Mário de Andrade, numa carta ao então adolescente Sabino, em 1942 — “é simplesmente latrinária”. São outros valores que devem prevalecer, na análise da obra, e não, fundamentalmente, o enquadramento na camisa-de-força dos gêneros.

Em Fernando Sabino, temos sempre o escritor ágil, bem-humorado, que — apesar do amor e da piedade — se revela por vezes um ironista contudente dos desacertos da vida.

Pode-se dizer de sua literatura, o que o próprio Sabino disse da poesia de Carlos Pena Filho: “É um consolo para os aflitos.” Diante de um cotidiano de sufoco e misérias, em meio à tecnologia mais predatória da inteligência libertária (ah, senhor Huxley, que admirável, esse mundo novo em que vivemos), Fernando Sabino oferece o castigo ameno (?) do riso. Assim, ele instaura a sátira como um dos remédios contra os males do mundo. E, rindo, castiga. Sem esquecer, entretanto, a poesia, que surge às vezes num pequeno detalhe, até como que a contragosto do autor.

(...) Sabino fala de gatos e de patos, de Ernest Hemingway e de Fidel Castro, de noites novaiorquinas e de dias cariocas, de Gabriel García Márquez (o que faz um escritor?) e, sobretudo, dele mesmo. Por tudo isto, nem algumas lágrimas — inclusive “vivas pelo autor, neste mundo de Deus” — sempre de ternura, contudo.

Desde *A Cidade Vazia*, em 1950 — terceiro livro de Fernando Sabino e primeiro em que reunia suas crônicas — até este *O Gato Sou Eu*, temos nestas historietas modelares preciosas fatias de vida (principalmente de vida humana), que fazem do autor um dos nomes mais importantes desta nossa (afinal de contas, nem sempre pífia) literatura luso-brasileira.

contudente, tão denunciador? Grande mestre dialogador que é nele traço de sempre, atualizando-se sempre e tornando-se por vezes de concisão epigramática (nada que pôr, nada que tirar), seu português é de modernidade e normatividade exemplares, levitante e desmaçante: tangenciando a tristeza, e o desânimo, a miséria, a dor e a morte, sem negá-las ou embelezá-las, é e faz-se o esperançado pudico, que crê que mesmo assim há razão para tentar prosseguir e quando não, sorrir — se, rindo, já não se castigam os costumes.

São por isso, suas crônicas, ou-que-nome-tenham, de um toque personalíssimo. (...)

Altruísmo transfigurado, nesse obsessivo de si mesmo, que se busca a si mesmo em cada linha e que dá continuamente a mão solidária ao leitor ou à leitora em singular calor humano, (...) Fernando Sabino busca aquele tipo de expressão comungante que ponha o reino dito da liberdade no universo de necessidades de todos os homens de Deus, isto é, todos.

1976

Malcolm Silverman

ATÉ O PRESENTE, Fernando Sabino publicou sob forma de livros (...) umas trezentas histórias individuais, muitas parcialmente autobiográficas. Todas elas satíricas em sua natureza e humorísticas, mesmo em seus momentos mais pungentes.

Na interpretação que dá Sabino à proverbial *comédie humaine*, surge uma espécie de esfera sócio-econômica cujo núcleo é o homem da classe média urbana, e ao redor do qual se sucedem os estratos que compõem o seu meio, mas raramente são por ele dominados. Em ordem centrífuga, essas camadas são os assuntos domésticos (a vida em família, interação conjugal ou amorosa, relações filiais), atividades extramaritais, (velhas amizades, recreação, trabalho) e, em escala mais ampla, as pressões impessoais, onipresentes e por vezes injustas exercidas de fora, pela sociedade.

O laço conjugal, sendo a mais elementar das inter-relações adultas, não é exceção na visão tragicômica que tem o autor da complicada experiência humana.

Num sentido mais lato, a interação entre marido e esposa, ou, numa luz mais universal, entre homem e mulher, bem como entre estes e terceiros, produz resultados ainda mais paradoxais, senão inesperados. (...)

Fora do lar, ou, num sentido mais amplo e sociológico, fora da esfera de influência imediata do anti-herói de Sabino, o enfoque irônico do autor torna-se ainda mais nítido, e a sua humorística visão crítica adquire novas dimensões. A vasta sociedade na qual as personagens cotidianamente “batalham” é repleta das distorções da tecnologia e da injustiça social. (...)

Ler (e reler) Fernando Sabino sempre faz bem. Faz reconciliar com a literatura e com a vida. Pois de ambas ele sabe muito e, generosamente, reparte o que sabe com todos nós.

Jorge de Sá

(...) FERNANDO SABINO se volta para a "busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um". A afirmativa é dele mesmo, em "Última Crônica". (...)

Ao selecionar "os assuntos que merecem uma crônica" (...) Fernando Sabino procura "ensinar" a seus leitores que a vida diária se torna mais digna de ser vivida quando a convivência com outras pessoas nos leva a olhar para fora de nós mesmos, descobrindo a beleza do outro. (...) E quando ele descreve um casal de pretos festejando humildemente o aniversário da filha num botequim da cidade, não é o problema racial e social que está sendo enfatizado, porém algo que somente o artista pode alcançar com suas antenas apropriadas: a essência humana, traduzida no sorriso puro de um pai feito dessa pureza que o tédio municipal procura eliminar.

Nesse instante, comovidamente nos deleitamos com a essência humana reencontrada, que nos chega através de um texto bem elaborado, artisticamente recriando um momento belo da nossa vulgaridade diária. Mas esse lado artístico exige um conhecimento técnico, um manejo adequado da linguagem, uma inspiração sempre ligada ao domínio das leis específicas de um gênero que precisa manter sua aparência de leveza sem perder a dignidade literária. Pois só assim o cronista pode aspirar à transformação do episódio em alguma coisa mais duradoura, mais exemplar. E somente assim se justifica o encontro de Fernando Sabino com a crônica, na busca interminável de um texto puro como um sorriso ou como as palavras de uma criança. (...)

Recriando os flagrantes de esquina ou os incidentes domésticos, Fernando Sabino põe em cena pessoas semelhantes a tantas outras que conhecemos, ou de quem já ouvimos falar. Essa ligação com o real aproxima a crônica da estrutura dramática, o que permite ao cronista de *A Companhia de Viagem* explorar o confronto de caracteres através de diálogos engraçados, irônicos sem agressividade — afinal ele não esquece que está compondo um texto cuja característica básica é a leveza —, mas sempre com visão crítica. (...)

A busca do pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas condições da sociedade. Nesse caso, Fernando Sabino abandona o diálogo direto com o leitor, desviando o foco narrativo da primeira para uma falsa terceira pessoa: o narrador reassume, então, sua máscara ficcional, embora saibamos que quem fala na crônica é sempre o próprio cronista. (...)

Ora, essa cumplicidade entre o narrador e o leitor só é alcançada em textos bem realizados e que possuam a magia inexplicável da arte.

1987